



Futuro traz menos obra nova e mais reabilitação

Apesar de terem sido aprovados diversos projectos de novas infra-estruturas, os novos tempos levarão a que se construa menos na área do saneamento. A necessidade de manutenção poderá potenciar o mercado.

Em jeito de balanço, e olhando para os números existentes, até Junho de 2011 foram aprovados 117 projectos (ainda não concluídos), destinados a desenvolver a rede estruturante de abastecimento de água e saneamento. Estes projectos, financiados no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional e do POVT (Programa Operacional Valorização do Território), implicam um investimento elegível de quase 837 milhões de euros, dos quais 605 milhões provêm de fundos comunitários (através do FEDER e do Fundo de Coesão).

Entre os principais investimentos, ao nível do saneamento básico (e que até à data foram aprovados), o maior de todos é, sem dúvida, o alargamento do sistema de saneamento do Vale do Ave, a cargo das Águas do Noroeste. Ao todo, serão gastos cerca de 114 milhões de euros, com o Fundo de Coesão a ajudar com 80 milhões de euros. A estação de tratamento de águas residuais (ETAR) de Viseu Sul e respectivos emissários, no valor de 44 milhões de euros (35 milhões de ajudas europeias), e a sétima fase do sistema multimunicipal de abastecimento de água e saneamento de Trás-os-Montes e Alto Douro, orçado em 40 milhões de euros (com 28 milhões de fundos europeus), são os dois outros projectos que envolvem um maior financiamento.

Deixando de parte a construção nova e olhando para o que se tem feito para conservar o que já existe, o cenário é pouco optimista. Tal como consta no Relatório Anual do Sector de Águas e Resíduos em Portugal (RASARP) para 2009, «um número significativo de entidades gestoras “em alta” apresenta uma percentagem nula ou baixa de reabilitação de colectores», situa-

ção que se agrava junto das entidades gestoras “em baixa”, onde «a percentagem de reabilitação de colectores é, em geral, baixa ou mesmo nula».

Deste modo, constatou-se que a percentagem média de colectores reabilitados, no sector “em alta”, foi em 2009 de 0,6 por cento, ou seja, «corresponde a uma qualidade do serviço insatisfatória, indiciando que a maioria das entidades gestoras não procedeu à reabilitação de colectores». A SIMARSUL (península de Setúbal), a SANEST (costa do Estoril) e a Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro são as únicas entidades gestoras que obtiveram uma classificação positiva (conforme os parâmetros do RASARP) – com 4,3 por cento, 1,8 por cento e 1,2 por cento de colectores reabilitados, respectivamente.

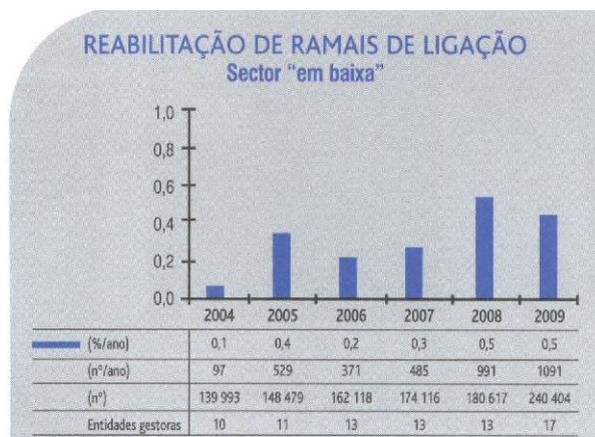
No sector “em baixa”, a percentagem média para a reabilitação cai para os 0,1 por cento, o que, no entender do RASARP 2009, é igualmente sinal de «uma qualidade do serviço insatisfatória». Entre as cinco entidades gestoras que tiveram uma classificação positiva, só duas ficaram acima de um por cento: a SMSB de Viana do Castelo, com 1,5 por cento de colectores reabilitados, e a Inframoura (entidade que serve a zona turística de Vilamoura), com 1,2 por cento.

Deste modo, e olhando em retrospectiva para o que foi feito nos últimos anos, tanto para os sectores “em alta” como “em baixa”, o relatório não tem pejo em salientar que «o baixo nível de reabilitação verificado, a manter-se, conduzirá a um rápido envelhecimento do sistema de colectores e à consequente insustentabilidade infra-estrutural».

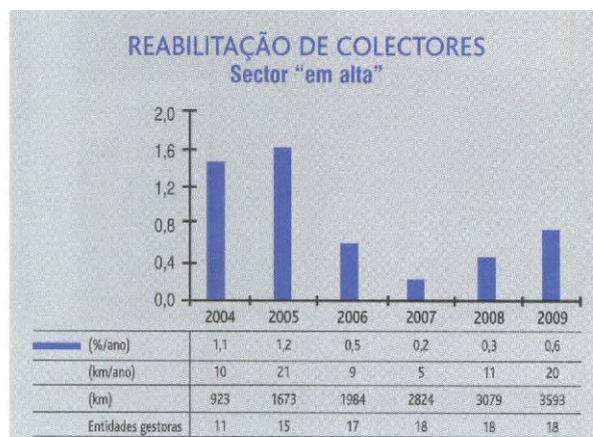
A juntar à problemática dos colectores, surge ainda a necessidade de

reabilitar os ramais de ligação, uma necessidade que parece ter caído no esquecimento. Neste caso, os indicadores obtidos pelo RASARP 2009 apenas são aplicáveis para as entidades gestoras “em baixa”, tendo-se chegado à conclusão que a média para a reabilitação de ramais, por parte das entidades gestoras concessionárias, foi de 0,5 por cento, «indiciando a inexistência de uma prática continuada de reabilitação de ramais». A única entidade a obter um valor acima de um por cento (para os ramais de ligação, esta percentagem serve de divisória entre o insatisfatório e mediano), foi a Águas de Valongo, com 3,1 por cento. Apesar de a reabilitação de ramais ter crescido desde 2006, a verdade é que o valor médio ainda se mantém abaixo do que é considerado necessário, o que também poderá levar ao envelhecimento precoce destas estruturas.

Segundo Helena Alegre, especialista em gestão patrimonial de infra-estruturas, apesar de grande parte das estruturas de saneamento básico serem recentes, muitas já precisam de obras de reabilitação. O acesso a fundos comunitários estruturais, ao longo das últimas três décadas, «teve dois efeitos perversos», avisa a especialista. Por um lado, «conduziu a que houvesse algumas infra-estruturas sobredimensionadas, em que se construiu com alguma folga», o que levou a que hoje «funcionem menos bem», pois «não estão adaptadas àquilo que são as necessidades reais». Esta situação acaba por provocar «o envelhecimento precoce ou um funcionamento mais deficiente que agora tem de ser corrigido». O outro efeito negativo consistiu em não se terem feito obras de manu-



Fonte: RASARP 2010



Fonte: RASARP 2010

tenção naquilo que já existia. Quer isto dizer que «o património existente, antes do período de construção mais intensivo, degradou-se mais depressa do que aquilo que era desejável».

Empresas temem concorrência "desleal"

Para algumas das empresas que operam no sector do saneamento básico, as actividades de manutenção trazem consigo grandes problemas ao nível da concorrência. Segundo João Levy, presidente do Grupo Ecoserviços, empresa especialista na operação e manutenção de ETAR, os trabalhos de manutenção destas estruturas equiva-

Há uma tendência para as empresas que não são do sector procurarem trabalho

na área da manutenção, alerta Nuno Aguilar

lem a 30 por cento do bolo de negócios da empresa. No entanto, «é uma parcela de negócios que, no passado, já foi mais importante», explica. «O problema é que antes de a Águas de Portugal se ter tornado na empresa monopolista do sector, havia um crescimento da actividade empresarial em termos de operação e manutenção.»

Para Nuno Aguilar, da Dégremont, «estas actividades têm ganho prepon-

O acesso a fundos comunitários, ao longo das últimas três décadas, conduziu a que houvesse algumas infra-estruturas

sobredimensionadas, diz Helena Alegre

derância porque a construção tem diminuído», representando, neste momento, 30 por cento das operações desta empresa. No entanto, um dos grandes problemas que cada vez mais se denota «é que há uma tendência para as empresas que não são do sector virem procurar trabalho na área da manutenção». Com menos *know-how* e fazendo ofertas mais baratas nos concursos, estes *outsiders* levam a que «as empresas especializadas do sector da manutenção passem a estar num mercado em que não podem competir».

João Pedro Lobato



FAXINFORME

CLIPPING

**água &
ambiente**

Tiragem: 4.000

Área: 688cm²/ 48%



Data: 01.11.2011

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:68;70



Photo: M. Negrão